

NARRATIVAS FRAGMENTADAS NO TIKTOK: ESTRATÉGIA JORNALÍSTICA DA BBC NEWS BRASIL NO JULGAMENTO DE BOLSONARO NO STF

FRAGMENTED NARRATIVES ON TIKTOK: BBC NEWS BRAZIL JOURNALISTIC STRATEGY IN BOLSONARO'S TRIAL AT THE BRAZILIAN SUPREME COURT (STF)

Lara Hinkel ¹
Francisco Verri ²

Resumo

Este artigo analisa como o TikTok da BBC News Brasil adaptou a cobertura do julgamento de Jair Bolsonaro no STF em setembro de 2025. O objetivo é compreender como o jornalismo se adapta aos formatos das plataformas digitais em coberturas políticas, buscando engajamento sem comprometer a credibilidade jornalística. A pesquisa utiliza os estilos ciberjornalísticos de Longhi (2025) e a análise de conteúdo de Bardin (2011). Foram analisados 41 vídeos do julgamento que resultaram na condenação a 27 anos de prisão. Os resultados indicaram a predominância do formato "Pequenas Histórias" e sugerem um novo formato denominado "Pequenas Histórias centradas na fonte", organizado em torno de declarações com mínima interferência editorial. As conclusões apontam novas estratégias narrativas do jornalismo em plataformas de vídeos curtos.

Palavras-chave

Jornalismo; TikTok; Jornalismo e TikTok; BBC News Brasil; Ciberjornalismo.

Abstract

This article analyzes how BBC News Brazil adapted its coverage of Jair Bolsonaro's trial at the The Brazilian Supreme Court (STF) for TikTok in September 2025. The objective is to understand how journalism adapts to digital platform formats in political coverage, seeking engagement without compromising credibility. The research uses platformized journalism styles from Longhi (2025) and content analysis from Bardin (2011). Videos from the five-day trial that resulted in a 27-year prison sentence were analyzed. The results identify the predominance of the "Small Stories" format and suggest a new format called "Source-centered Small Stories," organized around statements with minimal editorial interference. The conclusions point to new narrative strategies in journalism on short-video platforms.

Keywords

Jornalismo; TikTok; Journalism and TikTok; BBC News Brazil; Ciberjournalism.

1 Mestranda em Tecnologias, Linguagens e Inovação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário Estácio de Santa Catarina. Bolsista CNPq. E-mail larasouzahinkel@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0002-5098-2287>, <http://lattes.cnpq.br/6424178935973763>.

2 Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) e docente no curso de Comunicação e Multimeios na Universidade Estadual de Maringá (UEM), chicoverri@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7725-4477>, <http://lattes.cnpq.br/3946627612312846>.

Introdução

Mais do que uma plataforma voltada ao entretenimento, o TikTok transformou-se em “uma enciclopédia de vídeos, na qual qualquer indivíduo pode contribuir para a criação de conteúdos” (Zhang, 2020). Nesse contexto, o jornalismo também encontrou na plataforma mais um ambiente para produção e circulação de informações, dado o crescente espaço do TikTok para acesso às notícias.

Em paralelo, a geração atual descobriu mais uma rede social para se informar por meio de vídeos, reconfigurando o modo de consumo de notícias. Os dados do Digital News Report, de 2025, retratam essa “TikTokrização” da informação. Em todos os mercados analisados, houve um crescimento de consumidores de vídeos sociais, saltando de 52% em 2020 para 65% em 2025, enquanto o consumo de vídeos em geral despontou de 67% para 75%.

Na atualidade, seis plataformas atingem semanalmente a audiência com conteúdos jornalísticos, lideradas pelo Facebook (36%) e YouTube (30%). O TikTok (16%) ultrapassou o Twitter/X (12%), o que revela uma tendência no maior consumo para plataformas de vídeos. Contudo, o crescimento do TikTok como espaço de notícias traz preocupações significativas. A plataforma, bem como o Facebook, é uma das principais fontes percebidas de desinformação. Influenciadores (47%) e políticos (47%) são apontados como os maiores disseminadores de informações falsas, segundo dados do mesmo estudo. No contexto latino-americano, ainda há um equilíbrio entre o consumo produzido por influenciadores digitais e pela mídia, diferentemente de outros continentes.

Globalmente, 58% dos usuários manifestam preocupação em distinguir o que é verdadeiro ou falso online, percentual que alcança 73% nos Estados Unidos e no continente africano, evidenciando uma preocupação com a desinformação, especialmente quando impulsionada por políticos e criadores digitais. Em plataformas como o TikTok, em que qualquer usuário pode produzir conteúdo sobre acontecimentos noticiosos, intensifica-se a tensão entre visibilidade e credibilidade.

Por conta desse cenário, o julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro no Supremo Tribunal Federal (STF) apresenta um caso emblemático para examinar essas transformações no contexto do jornalismo brasileiro. O julgamento, que durou cinco dias, resultou na condenação do ex-presidente a 27 anos por atentado contra a democracia, assim como dos demais sete réus envolvidos no caso, o que evidencia a relevância política e jornalística do evento.

No TikTok, vídeos que condensam horas de sessão em formatos curtos, que editam falas isoladas dos ministros, que sobrepõem comentários políticos à transmissão oficial reconfiguram não apenas o formato, mas o próprio sentido do acontecimento noticioso. Compreender como o jornalismo se adapta e se posiciona em uma plataforma de entretenimento e de vídeos curtos traz a pergunta central desta pesquisa: de que maneira o jornalismo se adapta aos novos formatos expressivos das plataformas em meio a uma cobertura de evento político? Sobretudo, buscando garantir o engajamento para alcançar diversos públicos sem comprometer a credibilidade, a ética, os critérios de noticiabilidade e a lógica editorial do jornalismo.

A partir dessa perspectiva, a presente pesquisa se concentra no perfil da BBC News Brasil no TikTok, com enfoque em compreender de que forma o veículo realizou a cobertura jornalística do julgamento de Jair Bolsonaro no STF, em setembro de 2025, considerando as possibilidades de engajamento e viralização da plataforma. Nesse contexto, Longhi (2025) contribui para o debate ao trazer as especificidades dos gêneros e formatos do jornalismo plataformizado. Para a pesquisa, foram utilizadas, como categorias, os estilos propostos por Longhi (2025), aliados com a proposta de análise de conteúdo de Bardin (2011). Os resultados poderão contribuir para a identificação de uma nova tendência de estratégias expressivas do jornalismo na plataforma.

Notas sobre jornalismo digital

O desenvolvimento do jornalismo em ambiente digital não ocorreu de forma homogênea, tampouco pode ser descrito por uma terminologia única. Expressões como *jornalismo na internet*, *jornalismo na web*, *webjornalismo*, *jornalismo on-line* e *jornalismo digital* remetem a momentos históricos, ênfases analíticas e condições sociotécnicas distintas. Por essa razão, este artigo não trata tais nomenclaturas como sinônimas, mas como formulações que ajudam a compreender diferentes fases do processo de transformação do jornalismo em ambiência digital.

Nos primeiros momentos desse percurso, predominou uma lógica transpositiva, em que os conteúdos jornalísticos eram deslocados para a rede sem exploração mais ampla de suas especificidades. Mielniczuk (2003) é referência importante para compreender esse estágio inicial e a posterior consolidação de formatos mais adequados ao ambiente digital. Nessa direção, Canavilhas (2014) observa que o chamado jornalismo online, em seu momento inaugural, consistiu sobretudo em uma transposição dos modelos anteriores para um novo suporte. Com o amadurecimento técnico e editorial, contudo, o webjornalismo passou a incorporar características próprias, como hipertextualidade, interatividade, memória, multimidialidade e atualização contínua.

Passadas três décadas de desenvolvimento do jornalismo digital no Brasil, o debate torna-se ainda mais complexo, pois já não se trata apenas de pensar a adaptação do jornalismo à web, mas de compreender sua inserção em ecossistemas multiplataforma, marcados por circulação distribuída, convergência e reconfiguração constante dos formatos e processos produtivos. Barbosa e Daros (2026) mostram que essa trajetória é atravessada por sucessivos ciclos de inovação, que deslocam o foco do suporte técnico para as dinâmicas mais amplas de produção, distribuição e consumo da notícia em redes digitais.

No contexto atual, essa discussão exige incorporar a noção de plataformização. Conforme Van Dijck, Poell e De Waal (2018), as plataformas digitais assumem papel central na organização da vida social e informacional. Em formulação mais sintética, os autores mostram que a plataformização diz respeito à penetração das infraestruturas, lógicas econômicas e formas de governança das plataformas em diferentes campos sociais, entre eles o jornalismo. Assim, embora o TikTok possa ser situado no arco mais

amplo do jornalismo digital, sua análise demanda um enquadramento mais específico, voltado ao jornalismo plataformizado e às formas pelas quais narrativas, circulação e visibilidade passam a ser condicionadas pelas *affordances* e pelos mecanismos algorítmicos das plataformas.

Jornalismo na web

O amadurecimento tecnológico, contudo, reconfigurou essa condição. O incremento da velocidade de conexão, a emergência de dispositivos móveis e o desenvolvimento de linguagens próprias inauguraram uma nova gramática da notícia, fundada em hipertextualidade, interatividade e multimídia. Salaverría (2014, p. 25) observa que a comunicação humana é constitutivamente multimodal, “por natureza, enquanto seres humanos percebemos o mundo que nos rodeia através de vários sentidos corporais”. Ao integrar texto, imagem, som e vídeo em um mesmo artefato informativo, o webjornalismo atualiza essa característica da experiência comunicacional, deslocando a notícia de um regime unidirecional de enunciação para um processo performativo em que o receptor se converte em usuário e, em alguma medida, coprodutor.

Esse deslocamento narrativo articula-se a transformações estruturais no próprio campo jornalístico. Anderson, Bell e Shirky (2013, p. 34) sustentam que “as condições técnicas, materiais e de metodologia que mantiveram a indústria do jornalismo até o fim do século 20 não existem mais”. A categoria “jornalismo pós-industrial” sintetiza essa inflexão: redações hierarquizadas, ancoradas em infraestrutura material robusta, cedem lugar a ecossistemas distribuídos, atravessados por redes de colaboração, dependência crescente de intermediários digitais e exploração intensiva de bases de dados. A desmaterialização da atividade não representa apenas reconfiguração técnica, mas instauração de novas condições de possibilidade para a prática jornalística, em que autoridade e credibilidade precisam ser continuamente renegociadas.

No Brasil, essa dinâmica adquire contornos específicos, atravessados pela tensão entre inovação e dependência das plataformas. Como observam Malar, Nóbrega e Blotta (2024, p. 7), “o jornalismo vive em relação às plataformas digitais um cenário de dependência, considerando as mudanças que elas impõem ao modo de produção, distribuição e modelo de negócios”. Trata-se de um regime em que a circulação informativa é condicionada por algoritmos que não apenas mediam o alcance, mas modulam as próprias formas de narrar, subordinando critérios editoriais a métricas de engajamento e lógicas comerciais alheias à racionalidade profissional. Nesse ambiente, o trabalho jornalístico torna-se precarizado: o repórter é compelido à polivalência, à produção em tempo real e à adaptação constante a formatos múltiplos e efêmeros.

A notícia, nesse contexto, deixa de se configurar como produto acabado e assume a forma de fluxo contínuo, permanentemente atualizado e reconfigurado pelas dinâmicas das plataformas. Longhi (2025, p. 6) sublinha que “os avanços nos processos tecnológicos e nos contextos sócio-técnico e culturais afetam a forma como se produz conteúdos no ciberjornalismo”, indicando que a lógica da instantaneidade e da fragmentação reorienta a prática jornalística em direção à plasticidade narrativa. A par-

ticipação do público torna-se constitutiva do processo, seja pela interação direta — comentários, compartilhamentos —, seja pela circulação de conteúdos derivados que ressignificam o relato original.

O webjornalismo contemporâneo se estabelece, assim, sob a lógica da experimentação narrativa e da convergência. A rigidez da edição fechada cede lugar a fluxos permanentes de atualização, em que o relato jornalístico se apresenta como processo aberto, revisado e reorganizado em tempo real. Pavlik (2019, p. 12) sintetiza esse quadro ao afirmar que “o jornalismo digital é, por definição, um jornalismo em fluxo”. Essa fluidez se materializa em coberturas que se desdobram em múltiplas linguagens — reportagens multimídia, boletins em vídeo, infográficos interativos, postagens em redes sociais — compondo ecossistemas informativos transversais, capazes de dialogar com diferentes públicos sem abdicar da coerência editorial.

O panorama delineado permite compreender que o webjornalismo não constitui mera transposição de suportes, mas um processo de reinvenção epistemológica e narrativa. A instantaneidade, os dados e a convergência, em vez de funcionarem como elementos isolados, articulam-se para constituir um jornalismo simultaneamente ágil, investigativo e multiformato. Trata-se de um campo permanentemente tensionado pelas lógicas das plataformas e pelas expectativas de públicos hiperconectados, no qual a credibilidade e a relevância profissional derivam da capacidade de equilibrar, de modo instável e provisório, velocidade, profundidade e diversidade de recursos narrativos.

Plataformas e jornalismo

A plataforma da comunicação (Van Dijck; Poell; De Waal, 2018) redesenhou de maneira estrutural o ecossistema jornalístico, deslocando não apenas os modos de produção, mas também as formas de circulação e de recepção da informação. Plataformas digitais que, em um primeiro momento, desempenhavam papel acessório converteram-se em centros nevrálgicos de mediação da vida pública, instaurando novas condições de possibilidade para a prática jornalística. O TikTok é exemplar nesse processo: em poucos anos, firmou-se como um dos ambientes mais influentes para a experiência informativa, sobretudo entre públicos jovens, ao instaurar um regime comunicacional fundado em lógica audiovisual breve, performática e radicalmente orientada por algoritmos de recomendação. Nesse contexto, o jornalismo não se limita a ocupar um novo canal de distribuição, mas deve submeter-se a uma estética própria, marcada pela velocidade, pela fragmentação e pela plasticidade narrativa.

Longhi (2025, p. 4) observa que “os resultados apontam diferentes estilos de conteúdos expressivos jornalísticos, que se desenvolvem de modo tímido e vão se adaptando às especificidades da plataforma na exploração de suas possibilidades expressivas”. A observação indica que a presença jornalística no TikTok não pode ser pensada como mera transposição de formatos televisivos ou impressos, mas como processo de experimentação estética e discursiva. Recursos nativos — legendas sincronizadas, trilhas sonoras, filtros, cortes rápidos — tornam-se operadores centrais para reconfigurar a notícia em performance audiovisual. O relato jornalístico, assim, deixa de ser produto

linear e acabado e assume a forma de fluxo contínuo, permanentemente reelaborado pela interação com os usuários e pela lógica própria da rede.

A centralidade dos algoritmos aprofunda essa reconfiguração. Enquanto nos meios tradicionais a hierarquia da informação era definida por critérios editoriais, no TikTok a visibilidade decorre da interseção entre programação técnica e comportamento de audiência. Winkes e Longhi (2022, p. 3) sublinham que “as estruturas baseadas em algoritmos tornaram-se indissociáveis das práticas cotidianas de qualquer sujeito conectado”. Para o jornalismo, isso implica que relevância informativa é recodificada em termos de métricas de engajamento e viralização, deslocando a autoridade editorial para dinâmicas opacas de curadoria algorítmica. A consequência é uma tensão permanente entre valores públicos — veracidade, profundidade, relevância social — e lógicas comerciais que privilegiam visibilidade e circulação instantânea.

Esse enquadramento gera uma cobertura ambivalente. Por um lado, o TikTok aproxima o jornalismo de novas gerações, amplia seu repertório expressivo e possibilita exploração de linguagens inovadoras. Por outro, submete a prática noticiosa a pressões de simplificação, em que a busca por impacto imediato tende a reduzir a complexidade do acontecimento a narrativas condensadas e de fácil consumo. Longhi (2025, p. 8) conceitua esse processo como “narrativas plataformizadas”, enfatizando que forma e circulação da notícia não podem ser dissociadas das condições técnicas e culturais da rede em que se inscrevem. Nesse regime, a notícia converte-se em processo aberto, permanentemente atualizado, revisado e ressignificado pela audiência.

O protagonismo do público constitui, nesse sentido, um dos traços mais decisivos do jornalismo em plataformas. Diferentemente do consumo passivo característico dos meios tradicionais, no TikTok os usuários participam ativamente: comentam, remixam, recortam e reapropriam conteúdos jornalísticos, tornando-se coprodutores do processo informativo. Canavilhas (2014, p. 15) já antecipava esse movimento ao afirmar que “no webjornalismo a notícia deve ser encarada como o princípio de algo e não um fim em si própria”. Tal diagnóstico intensifica-se no ambiente da plataforma, em que a circulação jornalística se prolonga em múltiplas interações que desafiam, expandem e, em alguns casos, subvertem a narrativa original.

O TikTok, portanto, materializa tanto as potencialidades quanto as fragilidades do webjornalismo contemporâneo. De um lado, a plataforma abre espaço para inovação estética, experimentação narrativa e conexão com públicos historicamente afastados do consumo noticioso; de outro, evidencia a dependência crescente de métricas algorítmicas e de regimes de engajamento, com efeitos sobre a autonomia editorial. Anderson, Bell e Shirky (2013, p. 38) assinalam que “a sobrevivência da profissão depende do reconhecimento de que estamos em meio a uma revolução e do compromisso com as mudanças”, reforçando a necessidade de novos parâmetros analíticos e normativos para compreender e avaliar coberturas jornalísticas — como a que envolveu, por exemplo, a repercussão do julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro na 1ª Turma do Supremo Tribunal Federal, cuja circulação no TikTok ilustra as tensões entre espetacularização, visibilidade algorítmica e valor público da informação.

Percurso metodológico

À medida que o TikTok se tornou popular e relevante nos últimos cinco anos, o interesse e a emergência de estudos voltados ao jornalismo no TikTok têm se intensificado, como demonstram Vázquez-Herrero et al. (2023), sinalizando uma reconfiguração no subcampo acadêmico dedicado à análise das práticas jornalísticas em plataformas emergentes. Os estudos iniciais da plataforma como ferramenta jornalística foram impulsionados por Sidorenko-Bautista et al. (2021), que investigaram os modos narrativos jornalísticos em diversas plataformas durante a pandemia. No TikTok, os autores destacaram o lado informativo da plataforma ao observar, à época, que “a maioria das redes de mídia referenciadas nessa rede social tem produzido conteúdo informativo sobre prevenção e atualizações da pandemia, apesar de terem observado que, em alguns casos, as mensagens eram mais focadas em entretenimento e alinhadas ao tom da rede social” (Ibid., 2021, p. 119, tradução nossa).

A característica também foi observada por outros autores, como Vázquez-Herrero et al. (2021), ao abordarem a interseção entre a plataforma e a TV, “na qual as gerações mais jovens encontram, além de conteúdo divertido — um espaço para informação” (Vázquez-Herrero et al., 2021, p. 1, tradução nossa). Esse lado informativo também é apontado por Su et al (2021) como uma alternativa para o jornalismo alcançar diferentes audiências.

Tal movimento reflete não apenas a ascensão da plataforma como espaço de socialização e entretenimento, mas sobretudo sua crescente centralidade no ecossistema informativo contemporâneo. O *Digital News Report* (2025) confirma esse deslocamento ao indicar o TikTok como a rede social de maior crescimento no mercado global de notícias, consolidando-se como ambiente estratégico para a observação das dinâmicas de plataformização da comunicação. O TikTok se distingue de outras plataformas pelo conjunto das *affordances* que estruturam a experiência do usuário: vídeos curtos e concisos, formatos dinâmicos e recursos interativos, voltados ao consumo instantâneo, e também pelo algoritmo. Segundo a própria plataforma, esse sistema de recomendação opera com base nas interações do usuário, das características dos vídeos e de fatores técnicos de acesso (TikTok, 2020), priorizando retenção, engajamento e relevância contextual para manter o usuário no feed por mais tempo e expô-lo a um maior volume de conteúdos patrocinados. Para Stokel-Walker (2022), é justamente essa capacidade de personalização que explica a popularidade global da plataforma e seu avanço como concorrente das grandes empresas de tecnologia ocidentais, gerando ainda comportamento de uso compulsivo especialmente pronunciado entre jovens de 13 a 24 anos (Su et al., 2021).

Diante desse cenário, a escolha da plataforma neste estudo justifica-se duplamente: por um lado, pelo crescimento exponencial do consumo noticioso em um ambiente originalmente concebido para o entretenimento; por outro, pela necessidade de compreender, em perspectiva crítica, as reconfigurações das práticas jornalísticas que se inscrevem nesse espaço. O jornalismo no TikTok, ao tensionar os limites entre informação e performance, demanda investigações que superem leituras impressionistas

e avancem na constituição de um corpo teórico-metodológico capaz de analisar suas especificidades narrativas, estéticas e sociotécnicas.

Para tanto, este trabalho adota um percurso metodológico de natureza mista, articulando técnicas quantitativas e qualitativas em um mesmo processo investigativo. Conforme argumentam Cleswell e Clark (2011), a integração de múltiplas abordagens analíticas potencializa a capacidade interpretativa do pesquisador, permitindo que os dados sejam examinados sob diferentes prismas e garantindo maior densidade explicativa. Nesta pesquisa, aplica-se a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), voltada para a identificação sistemática de padrões em materiais discursivos. No presente estudo, tal método é operacionalizado a partir do corpus constituído pelas publicações do perfil oficial da BBC News Brasil no TikTok, no período correspondente à cobertura do julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro na 1ª Turma do STF.

A delimitação temporal da pesquisa estende-se desde a primeira publicação relativa ao julgamento até a divulgação da decisão que determinou a condenação do ex-presidente, dos dias 02 de setembro a 11 de setembro de 2025. A escolha desse recorte decorre da relevância pública do evento, amplamente coberto pela mídia e objeto de intensa repercussão nas redes sociais, o que reforça sua pertinência como objeto para a análise da circulação noticiosa em plataformas. A metodologia aplicada concentra-se, assim, no processo de categorização, compreendido como procedimento analítico capaz de extrair dados brutos e rearticulá-los em conjuntos interpretativos. De acordo com Bardin (2011), tal processo permite que o pesquisador identifique elementos comuns e recorrências discursivas, sistematizando-os em categorias que não apenas organizam a informação, mas revelam estruturas de sentido.

A análise também se apoia no referencial teórico-metodológico de Longhi (2025), que categoriza os estilos jornalísticos no TikTok e identifica tendências emergentes de formatos, organizadas em três fases: (i) primeira geração (2021) – conteúdos adaptados de outras plataformas, ainda fortemente vinculados a linguagens tradicionais; (ii) segunda geração (2022) – produção nativa para o TikTok, marcada pela incorporação de elementos da cultura da plataforma, como *trends*, dublagens e cortes rápidos; e (iii) terceira geração (2023-2024) – consolidação de uma estética própria, com maior protagonismo do jornalista como criador de conteúdo e a constituição de uma autoridade híbrida, situada entre jornalismo e entretenimento.

Os estilos identificados nas três fases se manifestam de formas distintas e são definidos como os recursos originados de retroalimentações, modos semióticos e estratégias narrativas, combinando “referências e contaminações de outros tipos de formatos expressivos em plataformas e cenários (...) como o videoclipe, técnicas artísticas como a colagem, os memes (...)” (Longhi, 2025, p. 7). Na primeira fase, encontra-se o Meme, que se apropria de imagens e textos de repertório humorístico digital; o Videoclipe usa edição dinâmica de imagem e música para criar ritmo visual e o Apresentador Padrão tem um rosto fixo do veículo, reproduzindo a lógica do telejornalismo. Difere-se do Apresentador Performático, que atua de formas variadas com o conteúdo do post, refletindo a performance como característica original da plataforma. Já as Pequenas Histórias constroem narrativas completas em um único post.

Na segunda fase, ainda se nota predominância do Videoclipe e Meme, mas com a adição de novos formatos: o Infográfico sobrepõe dados e gráficos a imagens em movimento; as Colagens resgatam a técnica artística homônima; e o Explanativo aborda temas complexos de forma didática. A terceira fase ainda pode conter elementos das fases anteriores, mas é caracterizado por novas tendências: o Imersivo, com câmera subjetiva, zoom e linguagem cinematográfica, cria uma experiência imersiva no relato; o Investigativo adapta o jornalismo de dados ao vídeo, com sobreposições de imagens, dados e gráficos, colagens e voz "over"; os Modos de Fazer, centrados na demonstração de processos por meio de imagens, colagens e gráficos; a Acessibilidade, com inclusão de Língua de Sinais; e o Longo Formato, que aproxima o TikTok da grande reportagem multimídia, um formato disruptivo dentro de uma plataforma voltada a conteúdos de curta duração.

A categorização será sistematizada a partir desses termos definidos pela pesquisadora, excluindo-se as datas do estudo referenciado, como mostra na tabela:

Tabela 1 - Estilos ciberjornalísticos do TikTok, de acordo com Longhi (2025)

Estilo	Fase	Características	Estratégias
Meme	Primeira fase	Inspirado nos memes	Contaminação e referência
Videoclipe	Primeira fase	Inspirado na linguagem do videoclipe (edição de imagens de curta duração e música de fundo)	Contaminação e referência
Apresentador padrão	Primeira fase	Inspirado na linguagem televisiva	Referência
Apresentador performático	Primeira fase	Linguagem própria e específica da plataforma	Recursos nativos da plataforma
Pequenas Histórias	Primeira fase	Linguagem própria e específica da plataforma	Recursos nativos da plataforma
Pequenas Histórias	Primeira fase	Linguagem própria e específica da plataforma	Recursos nativos da plataforma
Infográfico	Segunda fase	Imagens em movimento com sobreposição de infografia	Contaminação e referência; Uso de recursos visuais e expressivos nativos

Colagens	Segunda fase	Técnica de colagens sobre imagens	Contaminação e referência; Uso de recursos visuais e expressivos nativos
Explanativo	Segunda fase	Texto explanativo sobre algum tema específico	Contaminação e referência; Uso de recursos visuais e expressivos nativos
Imersivo	Terceira fase	Imagens em movimento com câmera subjetiva; sobreposição de imagens	Referência (cinema)
Investigativo	Terceira fase	Padrão visual: imagens com sobreposição de dados e gráficos, colagens, voz "over"	Referência (jornalismo de dados e investigativo)
Modos de Fazer	Terceira fase	Imagens, colagens, gráficos	Contaminação e referência
Acessibilidade	Terceira fase	Imagens, colagens, adição de tradução de linguagem de sinais	Contaminação e referência (colagem e novo elemento, o tradutor)
Longo Formato	Terceira fase	Posts de longa duração - 10 minutos ou mais	Referência (narrativas <i>longform</i> e grande reportagem multimídia)

Fonte: os autores.

A partir dessa categorização, foram coletadas e analisadas todas as publicações da BBC News Brasil relacionadas ao evento dentro do recorte temporal definido, incluindo não apenas o julgamento em si, mas também os ocorridos que dialogam com a narrativa, como a vigília organizada pelos apoiadores de Bolsonaro. Cada publicação foi descrita e classificada de acordo com os estilos indicados por Longhi, considerando critérios como linguagem empregada, formato narrativo, presença do jornalista e uso de recursos próprios da plataforma. Os dados obtidos foram organizados em uma tabela descritiva, contendo: (a) link do post; (b) data da publicação; e (c) estilo verificado. Esse processo sistemático de classificação permite não apenas a organização do corpus, mas também a identificação de padrões recorrentes na cobertura. Em seguida, procede-se à interpretação dos dados, buscando compreender quais formatos são pri-

vilegiados pela BBC News Brasil em sua atuação no TikTok durante a cobertura de um evento jornalístico de grande relevância e, sobretudo, quais estratégias são mobilizadas para manter sua visibilidade e relevância em um ambiente regulado pela lógica algorítmica da plataforma.

A presença da BBC News Brasil no TikTok

A BBC News Brasil, subsidiária do tradicional veículo jornalístico *British Broadcasting Corporation*, consolidou sua atuação no país por meio da produção de vídeos, análises e notícias sobre temas nacionais e internacionais, com presença significativa em múltiplas plataformas digitais, entre as quais se destaca o TikTok. Até janeiro de 2025, data de elaboração deste trabalho, o perfil oficial da redação brasileira acumulava 1 milhão de seguidores, indicador que demonstra um número expressivo de consolidação de público e de relevância em um ambiente de alta circulação informativa.

Nesse cenário, investigar como a BBC News Brasil, um veículo internacionalmente reconhecido, estruturou no TikTok a cobertura de um caso emblemático como o julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro constitui oportunidade analítica para compreender quais linguagens e formatos são mobilizados para narrar acontecimentos de grande repercussão. Trata-se de observar de que forma o jornalismo mantém relevância e engajamento em uma plataforma saturada por conteúdos curtos, dinâmicos e performáticos, cuja lógica algorítmica impõe constantes reconfigurações narrativas.

Dessa maneira, delimitou-se o corpus de 41 publicações jornalísticas realizadas no perfil oficial da BBC News Brasil durante o período de cobertura, categorizadas segundo os estilos identificados por Longhi (2025). Para evitar sobreposição entre categorias e tornar a classificação mais consistente, a análise considerou, em cada vídeo, quatro dimensões combinadas: (a) forma de organização narrativa do conteúdo; (b) grau de protagonismo do jornalista ou da fonte; (c) presença e função de recursos nativos da plataforma, como legendas dinâmicas, cortes rápidos, trilhas e sobreposições textuais; e (d) finalidade predominante do post, distinguindo-se conteúdos voltados à síntese factual, à explicação, à performance ou à imersão. Nos casos em que um mesmo conteúdo apresentava traços de mais de um estilo, adotou-se como critério de decisão o elemento dominante da organização do vídeo. Tal recorte permite verificar a adequação, a atualização ou mesmo a expansão das categorias existentes, contribuindo para demonstrar como o jornalismo, ao conquistar espaço em plataformas como o TikTok, experimenta e consolida novos formatos narrativos. Os conteúdos e os dados serão demonstrados na tabela a seguir.

Tabela 2 - Categorias analisadas

Postagem	Data	Classificação
Veja a proclamação de pena	11/09/2025	Pequenas Histórias
"Maldade que me fizeram"	11/09/2025	Pequenas Histórias
Tiradas de humor de Dino	11/09/2025	Pequenas Histórias

Trump não ficará satisfeito	11/09/2025	Pequenas Histórias
Trump comenta sobre a condenação de Bolsonaro	11/09/2025	Pequenas Histórias
Check-up da democracia	11/09/2025	Pequenas Histórias
Carmen Lúcia - Harmonização	11/09/2025	Pequenas Histórias
Momento em que Carmen Lúcia vota	11/09/2025	Pequenas Histórias
Carmen Lúcia concede fala	11/09/2025	Pequenas Histórias
Bolsonaro visto em dia decisivo	11/09/2025	Pequenas Histórias
Voto Fux	10/09/2025	Pequenas Histórias
Fux sobre Moraes	10/09/2025	Pequenas Histórias
3 momentos de tensão	10/09/2025	Pequenas Histórias
Fux evitando citar nomes	10/09/2025	Pequenas Histórias
Fux defende anular processo	10/09/2025	Pequenas Histórias
O que os bolsonaristas pensam	09/09/2025	Pequenas Histórias
Flávio Bolsonaro sobre Moraes (repostado)	09/09/2025	Pequenas Histórias
Dino a Moraes	09/09/2025	Pequenas Histórias
Dino e Moraes	09/09/2025	Pequenas Histórias
Nome do plano era punhal	09/09/2025	Pequenas Histórias
Flávio sobre Moraes	09/09/2025	Pequenas Histórias
Moraes compara mensagens	09/09/2025	Pequenas Histórias
Pretendiam matar o presidente Lula	09/09/2025	Pequenas Histórias
Tensão Fux e Moraes	09/09/2025	Pequenas Histórias
Anotações golpistas	09/09/2025	Pequenas Histórias
Juiz não deve ser uma samambaia jurídica	09/09/2025	Pequenas Histórias
Apoiadores de Bolsonaro rezam	09/09/2025	Pequenas Histórias
Segundo dia de julgamento	04/09/2025	*Nova categoria
Demover do que?	03/09/2025	Pequenas Histórias
Advogado cita sogra	03/09/2025	Pequenas Histórias
Advogado de Bolsonaro	03/09/2025	Pequenas Histórias
Moraes é criticado	03/09/2025	Pequenas Histórias
Destques do primeiro dia	02/09/2025	Apresentador-padrão
Lula sobre julgamento	02/09/2025	Pequenas Histórias
Levo cigarro para Bolsonaro	02/09/2025	Pequenas Histórias

Carmen Lúcia: “Não é opinião, é fato”	02/09/2025	Pequenas Histórias
Confusão condomínio Bolsonaro	02/09/2025	Pequenas Histórias
Advogado de Mauro Cid Gonet	02/09/2025	Pequenas Histórias
Discurso de abertura - Moraes	02/09/2025	Pequenas Histórias
Apoiadores rezam antes de julgamento	02/09/2025	Pequenas Histórias

Fonte: os autores.

A análise do corpus composto por 41 publicações — dentre as quais uma configura-se como republicação — permite afirmar, com elevado grau de consistência empírica, que 39 conteúdos se articulam de maneira direta à categoria de “Pequenas Histórias”, conforme proposta por Longhi (2025). Essa predominância quantitativa não constitui mero dado descritivo, mas revela um padrão estruturante da presença jornalística na plataforma. As “Pequenas Histórias”, nesse contexto, não operam apenas como formatos adaptativos, mas como dispositivos narrativos centrais na mediação do acontecimento em ambientes plataformizados. Trata-se de unidades audiovisuais sintéticas que condensam informação, dramatizam o fato e o reorganizam sob a lógica de circulação algorítmica, produzindo um enquadramento específico para o consumo em fluxo contínuo.

Essa predominância não deve ser lida apenas como sinal de inovação narrativa ou de adequação bem-sucedida à linguagem da plataforma, pode ser interpretada como evidência de um processo mais amplo de adequação do jornalismo às condições infraestruturais impostas por plataformas privadas. Ao condensar acontecimentos complexos em módulos breves, intensamente editados e voltados à retenção, o jornalismo amplia sua capacidade de circulação, mas simultaneamente se ajusta às lógicas de visibilidade definidas por sistemas algorítmicos que lhe são externos. A modularização da cobertura, nesse sentido, opera como estratégia editorial e, ao mesmo tempo, como sintoma da dependência crescente em relação às formas de recomendação, ranqueamento e engajamento que estruturam o TikTok.

Embora Longhi (2025) não delimite formalmente uma duração máxima para a categoria, a análise empírica evidencia que a maioria dos vídeos apresenta cerca de dois minutos de duração. Esse padrão temporal não é contingente, mas profundamente articulado às dinâmicas de retenção e performatividade da plataforma. Em ambientes como o TikTok, a temporalidade da narrativa é inseparável da temporalidade da atenção. Assim, a brevidade observada não implica simplificação cognitiva, mas reconfiguração estrutural da narrativa jornalística. Os vídeos analisados preservam uma arquitetura mínima de narratividade — situação inicial, desenvolvimento informativo e desfecho sintético — o que confirma sua inserção na categoria de “Pequenas Histórias”. Contudo, essa narratividade é modulada por cortes rápidos, enquadramentos verticais

e sobreposição textual, compondo uma estética que articula economia discursiva e intensidade informativa.

Importa destacar que tais conteúdos não são fragmentos aleatórios de uma cobertura maior, mas unidades dotadas de autonomia semântica. Cada vídeo constrói um recorte interpretativo do acontecimento, operando como microacontecimento mediado. Nesse sentido, as “Pequenas Histórias” funcionam como formas de encapsulamento do fato jornalístico, convertendo a complexidade do evento em um objeto narrativo inteligível e compartilhável. Observa-se, portanto, que o jornalismo não apenas se adapta à lógica da plataforma, mas internaliza suas dinâmicas de circulação, produzindo conteúdos que já nascem pensados para a indexação, o engajamento e a recirculação.

Essa dinâmica pode ser compreendida a partir da noção de narrativas modulares, proposta por Mineiro (2024). No corpus analisado, a cobertura da BBC News Brasil no TikTok não se organiza como relato único e linear, mas como conjunto de unidades autônomas articuladas em torno do mesmo acontecimento. Cada vídeo possui sentido próprio, mas integra um encadeamento mais amplo de atualização da cobertura. Assim, as “Pequenas Histórias” funcionam menos como fragmentos isolados e mais como módulos de uma narrativa distribuída. No que se refere à possibilidade de enquadramento no formato “Meme”, identificou-se a presença de recursos expressivos que, em leitura superficial, poderiam sugerir aproximação com tal categoria — como trilhas sonoras em alta, cortes dinâmicos e certos efeitos de ênfase.

Contudo, à luz dos critérios estabelecidos por Longhi (2025), esses conteúdos não apresentam os elementos estruturais constitutivos do meme: padrão replicável, estrutura formal reiterativa e lógica de contaminação intertextual. O que se verifica é uma apropriação estratégica de códigos culturais da plataforma, sem adesão à lógica da viralização memética. Trata-se de uma hibridização estética que não compromete o estatuto jornalístico do conteúdo, mas evidencia a permeabilidade entre linguagens no ambiente digital.

Outro dado relevante diz respeito à baixa incidência do formato “Apresentador-padrão”. A ausência de uma figura mediadora fixa desloca o centro de gravidade da narrativa. Em vez de um jornalista-persona conduzindo o relato, observa-se a centralidade da fonte — ministros, juristas e agentes políticos — cuja fala direta estrutura o vídeo. Essa escolha editorial produz efeitos epistemológicos importantes: a autoridade discursiva é deslocada da mediação para a enunciação da própria fonte. A fala não aparece como ilustração da narrativa, mas como seu eixo constitutivo. Assim, a fonte deixa de ser apenas objeto de cobertura e torna-se protagonista performativa do acontecimento mediado.

Tal configuração permite propor, a partir da análise, uma inflexão tipológica nas categorias de Longhi (2025). Embora esses conteúdos possam ser enquadrados como “Pequenas Histórias”, sua recorrência sugere a consolidação de uma subcategoria específica: as “Pequenas Histórias centradas na fonte”. Nesse subtipo, a narrativa organiza-se prioritariamente em torno de um trecho de entrevista, pronunciamento ou declaração, com mínima interferência editorial explícita. A mediação ocorre sobretudo

por meio de edição, enquadramento e legendagem, e não pela presença de um narrador visível. Trata-se de uma modalidade que responde à cultura da autenticidade e à valorização da fala direta nas plataformas digitais, indicando desdobramentos teóricos possíveis para a tipologia original.

A presença de um conteúdo que não se enquadra claramente nas categorias propostas também merece atenção analítica. Com duração superior a nove minutos, ele ultrapassa o padrão empírico das “Pequenas Histórias”, mas não atinge o limiar de dez minutos mencionado por Longhi (2025) para caracterizar o formato longo. Essa zona limítrofe revela que a duração, embora relevante, não pode ser o único critério classificatório. Do ponto de vista narrativo, o conteúdo apresenta maior densidade informativa, ampliação contextual e menor fragmentação, aproximando-se estruturalmente do formato longo. Tal caso sugere que as tipologias devem considerar não apenas métricas temporais, mas também critérios estruturais, discursivos e funcionais.

No plano textual, a estratégia integrada de circulação torna-se ainda mais evidente. O uso de hashtags como #bbcbrazil, #stf e #bolsonaro não opera apenas como marcador temático, mas como mecanismo de inserção algorítmica em fluxos de alta visibilidade. As legendas desempenham função complementar e contextualizadora, ampliando a compreensão do fato e, simultaneamente, otimizando a indexação. Os *calls to action* direcionam o público ao portal institucional, articulando a lógica da plataforma à estratégia de conversão e fidelização. Os títulos destacam trechos de fala ou dados centrais, funcionando como ganchos discursivos que ativam a curiosidade e incentivam a permanência.

Dessa forma, observa-se que as “Pequenas Histórias” analisadas não podem ser compreendidas apenas como formatos breves, mas como expressão de um jornalismo atravessado pela plataformização. Elas condensam informação, reorganizam a autoridade narrativa e articulam recursos audiovisuais e textuais sob a lógica da circulação algorítmica. A predominância dessa categoria no corpus evidencia uma reconfiguração estrutural da prática jornalística no ambiente digital: o acontecimento é narrado em microformatos autônomos, pensados simultaneamente para informar, engajar e circular.

A análise confirma a pertinência das categorias de Longhi (2025), mas também aponta para a necessidade de refinamento tipológico diante das dinâmicas empíricas observadas. A centralidade da fala da fonte, a hibridização estética sem adesão plena ao meme e a articulação estratégica entre narrativa e metadados revelam um cenário em que o jornalismo não apenas ocupa a plataforma, mas é moldado por ela. Trata-se, portanto, de um processo de reconfiguração discursiva e estrutural que redefine as formas de narrar, legitimar e fazer circular o acontecimento no ecossistema digital contemporâneo.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, verificou-se que a presença do jornalismo no TikTok não pode ser compreendida apenas como um movimento de adaptação técnica a uma nova

plataforma, mas como expressão de transformações estruturais nas formas de produzir, organizar e apresentar a notícia. A inserção do jornalismo nesse ambiente implica uma reconfiguração de sua gramática narrativa, marcada pela reorganização da temporalidade, da hierarquização dos fatos e da articulação entre linguagens audiovisuais e estratégias de circulação algorítmica.

Desde o surgimento do jornalismo on-line, a narrativa jornalística vem atravessando sucessivas fases de reconfiguração. A passagem do texto linear do impresso para o ambiente digital inaugurou uma lógica hipertextual, na qual a notícia deixou de ser organizada exclusivamente de forma sequencial e passou a comportar conexões, desdobramentos e percursos múltiplos de leitura. Fóruns de discussão e outros espaços de interação ampliaram o debate público e tensionaram a unilateralidade da comunicação tradicional. Duas décadas depois, contudo, observa-se um novo deslocamento: a centralidade dos vídeos curtos, que não apenas redefinem o formato da notícia, mas também sua temporalidade e sua lógica de circulação.

Nesse contexto, a BBC News Brasil, assim como outros veículos presentes na plataforma, adota predominantemente um modelo narrativo fragmentado, alinhado ao estilo das “Pequenas Histórias”. Os acontecimentos são apresentados por meio de recortes específicos, frequentemente compostos por trechos considerados mais relevantes, explicativos ou emblemáticos de determinado fato. Esse processo evidencia uma curadoria editorial intensificada: diante de uma cobertura mais ampla, o veículo seleciona quais momentos serão convertidos em unidades narrativas autônomas, aptas a circular no ambiente de alta rotatividade informacional do TikTok.

Importa sublinhar que essa fragmentação não deve ser interpretada como sinônimo de superficialidade. Ao contrário, ela expressa uma reorganização estratégica da narrativa jornalística, que passa a privilegiar sínteses informativas, explicações pontuais e atualizações sucessivas. A notícia deixa de se apresentar como bloco contínuo e passa a ser distribuída em módulos curtos, cada qual concentrando um aspecto relevante do acontecimento. Tal dinâmica corresponde às condições de consumo móvel e à economia da atenção que caracteriza a plataforma.

Não se trata, portanto, de alteração na essência normativa do fazer jornalístico — fundada na verificação, na contextualização e no interesse público —, mas de uma adequação formal às dinâmicas de circulação digital. A cobertura permanece ancorada em fatos e registros do próprio evento; o que se transforma é a forma de apresentação, agora estruturada em conteúdos breves e sequenciais que acompanham o ritmo da plataforma. O caso analisado indica que o jornalismo no TikTok negocia sua forma sem abdicar de sua função informativa.

Ainda que essa dinâmica esteja alinhada tanto à lógica da plataforma quanto às práticas contemporâneas do jornalismo digital, ela reforça um modelo de circulação baseado em destaques e momentos-chave. O acontecimento é narrado a partir de seus pontos de maior intensidade informativa ou simbólica, o que pode exigir do público um movimento ativo de aprofundamento. Não por acaso, o próprio veículo complementa a notícia nas legendas e direciona o usuário ao portal institucional, sugerindo continuidade da leitura em outro ambiente. Consolida-se, assim, uma estratégia de complemen-

taridade multiplataforma, na qual o TikTok opera como porta de entrada e o site como espaço de aprofundamento.

Diante desse cenário, este artigo aponta para possibilidades de investigações futuras sobre coberturas jornalísticas em ambientes plataformizados. Estudos comparativos podem examinar como diferentes redações exploram o potencial narrativo do TikTok, especialmente no que diz respeito a formatos de maior duração. Também se mostra pertinente analisar a percepção do público e os níveis de engajamento em conteúdos jornalísticos mais extensos na plataforma, bem como acompanhar de forma sistemática as mudanças algorítmicas que podem influenciar o formato, a profundidade e a visibilidade das coberturas. Compreender essa relação entre lógica editorial e lógica infraestrutural é fundamental para analisar os rumos do jornalismo em ecossistemas digitais marcados pela performatividade e pela circulação intensificada.

Referências

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily e SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**. Edição Brasileira da Columbia Journalism Review, 2013, p. 30-89.

BARBOSA, Suzana; DAROS, O. Três décadas de jornalismo digital no Brasil: uma trajetória de diversidade de produtos e pesquisas. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 15, e36986, 2026. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2026v15e36986>. Disponível em <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/36986>. Acesso em 20 de abril de 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

CRESWELL, John W.; PLANO CLARK, Vicki L. Designing and conducting mixed methods research. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2011.

LONGHI, Raquel Ritter. Tendências em formatos expressivos jornalísticos no TikTok. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 14, n. 25, p. e33981, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2025v14n25e33981>. Disponível em <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/33981>. Acesso em 20 de abril de 2026.

MALAR, J. P.; NÓBREGA, L. B. da; BLOTTA, V. S. L. Contrapeso às Plataformas no Jornalismo? Reflexões sobre a aplicabilidade do conceito. **Anais do 34º. Encontro Anual da Compós**. 2025.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MINEIRO, V. D. A. **Narrativas modulares e o jornalismo nativo digital dos casos Agência Tatu e O Povo+** (Dissertação de Mestrado). Póscom, Universidade Federal da Bahia, 2024.

PAVLIK, John V. **Journalism in the Age of Virtual Reality: How Experiential Media Are Transforming News**. New York: Columbia University Press, 2019.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p.23-39.

SIDORENKO-BAUTISTA, P., ALONSO-LÓPEZ, N., GIACOMELLI, F. Fact-checking in TikTok Communication and narrative forms to combat misinformation. **Revista Latina de Comunicación Social**. 2021, v. 79, p. 87-113. DOI: 10.4185/RLCS-2021-1522. Disponível em <https://nuevaepoca.revistalatinacs.org/index.php/revista/article/view/1468>. Acesso em 20 de abril de 2026.

STOKEL-WALKER, C. **TikTok Boom: Um Aplicativo Viciante e a Corrida Chinesa Pelo Domínio das Redes Sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

SU, C. et al. Viewing personalized video clips recommended by TikTok activates default mode network and ventral tegmental area. **NeuroImage**, [s. l.], v. 237, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2021.118136>. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1053811921004134?via%3Dihub> . Acesso em 20 de abril de 2026.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VÁZQUEZ-HERRERO, Jorge; DIREITO-REBOLLAL, Sabela; LÓPEZ-GARCÍA, Xosé. Journalistic adaptation to TikTok and the transformation of the journalistic field. **Digital Journalism**, v. 11, n. 1, p. 39-56, 2023.

VÁZQUEZ-HERRERO, J., NEGREIRA-REY, M., VÁZQUEZ, A. Intersections between TikTok and TV: Channels and Programmes Thinking Outside the Box. **Journalism and Media**, v. 2, n. 1, 2021, p. 1-13. DOI: 10.3390/journalmedia2010001. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2673-5172/2/1/1> . Acesso em 20 de abril de 2026.

ZHANG, Zongyi. Infrastructuralization of Tik Tok: transformation, power relationships, and platformization of video entertainment in china. **Media, Culture & Society**, v.43, n. 2, 2020. p. 219-236. DOI: <https://doi.org/10.1177/0163443720939452>. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0163443720939452>, Acesso em 20 de abril de 2026.

Recebido em: 20 fev. 2026
Aprovado em: 16 abr. 2026